TERESINA, 1952: cidade centenária que H. Dobal homenageou com um "Roteiro Sentimental"

Eliane Rodrigues de Morais

O que propomos, nesse artigo, é uma leitura histórica do livro, *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina,* do poeta teresinense, H. Dobal[1], "habilidoso na prática de olhar"[2]. A escrita desse roteiro se dá a partir de uma cena cultural: a comemoração do centenário de fundação de Teresina que ocorreu em agosto de 1952. A possibilidade de dialogar com a cidade centenária, seu passado, suas histórias e tradições é uma constante nesta obra. Dessa forma, buscaremos analisar, as representações construídas sobre a cidade de Teresina nessa obra, que nos faz deparar com um conjunto de ideias e sentidos que são estabelecidos por um intelectual que, ao praticar o cotidiano do espaço citadino, expressa, principalmente, a pluralidade da cidade. Nele, Dobal, com um humor irônico e uma pitada sentimental, representa Teresina das mais diferentes maneiras e possibilidades.

O livro apresenta algumas peculiaridades: foi a primeira obra de Dobal sobre Teresina[3]; foi produzido no ano de 1952, como um presente pelos 100 anos de sua fundação. Entretanto, só foi publicado, em forma de livro, 40 anos depois, ou seja, no ano de 1992, pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves, como homenagem à comemoração dos 140° aniversário de Teresina. A propósito da publicação do *Roteiro*, H. Dobal, numa entrevista ao jornal *O Dia*, quando do seu lançamento na Fundação Cultural Monsenhor Chaves, em agosto de 1992, explica que o livro ficou "engavetado

[1] H. Dobal nasceu em Teresina em 27 de outubro de 1927. É filho de agrimensor e de professora. O relacionamento com os pais foi determinante na sua formação literária, especialmente com a mãe, pela primeira lição de poesia. Apresenta um extenso currículo: poeta, cronista, Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Piauí, advogado e funcionário do Ministério da Fazenda. Residiu em Brasília, Rio de Janeiro, São Luís, Estados Unidos, Londres, Berlim. Pertence à Academia Brasileira de Letras e à Academia Piauiense de Letras. Recebeu menção honrosa, no concurso "Porta de Livraria, da Rede Globo pela obra "O Tempo Consequente" (1966). Já com a obra "O dia sem presságios"(1969), recebeu o prêmio Jorge de Lima do Instituto Nacional do Livro.

[2] Expressão utilizada pela Professora da UESPI e da Faculdade Santo Agostinho e doutoranda em Teoria Literária pela UFPE, com a tese intitulada: "Memória urbana: representação sócio-espacial em Ferreira Gullar e H. Dobal", Silvana Maria Pantoja dos Santos, na palestra "Memória urbana nos caminhos poéticos de H. Dobal", ministrada no 7° Salão do Livro do Piauí – Salipi, em 10 de junho de 2009, no Teatro 4 de Setembro.

[3] A segunda e última foi "Grandeza e glória nos letreiros de Teresina" publicada no ano de 1997.

por muito tempo, porque não tinha pretensões literárias" (O DIA, Teresina, Ano XXII, n. 5901, 18 de agosto de 1992, p. 9). Mesmo com sua resistência em não publicá-lo, o livro ficou inédito até o início do ano de 1990, quando foi editado, sem retoques, nas páginas do jornal *Folha da Manhã* (SANTOS, 1990, p. 29), por insistência do artista plástico Albert Piauí, do jornalista Kernard Kruel e do professor Cineas Santos (SILVA, 2005, p. 36). Dobal olha e nos faz ver uma Teresina centenária através de um "roteiro sentimental" que, de certa forma, assume uma feição híbrida, onde o passado da cidade e seus desejos de modernização são evocados, ora recorrendo à história, ou à literatura ou até mesmo ao sentimento de melancolia.

Teresina no "Roteiro" de Dobal

A temática da cidade está presente em parte significativa das produções literárias de H. Dobal, tanto em prosa como em poesia, mas sobre a cidade de Teresina escreveu muito pouco (DOBAL, 2007, p. 107). O primeiro registro em forma de livro foi com o seu *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*[4] (a 1ª ed. 1992; a 2ª em 1999 e a 3ª em 2007). Em seguida, *Grandeza e glória nos letreiros de Teresina* (2007). A primeira edição do *Roteiro* foi dividida em 12 pequenos capítulos, que sofreram modificação de uma edição para a outra. Apresenta ilustrações dos espaços físicos e sociais da cidade de Teresina, bem como um texto de linguagem fácil, arrematado pela prosa. As ilustrações que se espalham em páginas inteiras, comentam a narrativa e apresentam ao leitor itinerários variados que recortam a cidade centenária do centro ao subúrbio. H. Dobal abdica do olhar superficial do turista em busca do pitoresco para fragmentar Teresina, no sentido de dar a ver as várias cidades que ela contém. É o que se percebe logo no início do percurso:

> *[...] Cem anos não deixam acumular muita cousa na vida de uma cidade que já nasceu velha e que sempre teve o ar de uma aldeia grande [...]. Um ar que se transforma aos poucos com o correr do tempo e esta transformação*

[4] Esse gênero de escrita sentimental foi produzido pela primeira vez no Brasil pelo pernambucano Gilberto Freyre. Sua grande repercussão, nacional e internacional, se deu não só pela força literária que proporcionou, mas, principalmente, pelo prestígio de seu autor. É uma mistura de guia turístico, todavia, não tem o estilo preciso do um guia convencional. Primeiramente, pelo repertório de escritos de natureza pessoal, marcados por profundas notas de saudades e também pelo seu hibridismo. Nele, Freyre concentra antropologia, etnografia, história, literatura, paisagismo, sentimento, sociologia e turismo.

> *indecisa mais o progresso, ajudam a descaracterizar a cidade. Tem suas diferenças, é claro. O clima, as condições geográficas, a vida, as árvores. [...] O ritmo da vida é muito calmo. [...] Há praças para os namorados a quem a polícia não permite muitas expansões, cinemas, a missa dos domingos, os bailes, a cerveja e em qualquer lugar há sempre a música de um alto falante. A cidade é aberta, sem segredos, acolhedora. Tem um ar de família que vem do fato de quase toda gente tem relações ou se conhece. O que dá uma intimidade deliciosa* [...] (DOBAL, 1992, p. 11).

Numa primeira leitura à Teresina centenária que o *Roteiro* propõe, um gesto de simpatia é esboçado pelo narrador, mas com um tom de preocupação. A Teresina que atrai, pelo seu perfil acolhedor, provinciano, pitoresco e que privilegia um cotidiano de vagar descontraído, manifesta uma clara simpatia a quem dela se aproximar. Mas, o narrador não demora a mostrar uma cidade que fere o quadro poético descrito, assim sua expectativa é contida na medida em que esboça uma cidade que estava com cem anos de existência, mas que, aos poucos, estava perdendo as características que a embelezavam. A sua paisagem física e social estava absorvendo elementos da modernidade. Elementos esses que se tornavam estranhos para o narrador. Assim, o fragmento diz de uma cidade centenária que fora capturada na representação do pitoresco, do provinciano e do "progresso indeciso".

A Teresina que aparece descrita no *Roteiro* também traz os espaços de aglomeração de pessoas de várias classes sociais, que, segundo Dobal, "ninguém sabe como nasceram ou como vivem" (DOBAL, 1992, p. 16) mas, que excluem a população pobre na medida em que vai se modernizando. São os bairros da cidade. Na superposição de bairros antigos com novos, o autor vai destacando os que ainda existiam, na época que escreveu, conservando nomes antigos e os que surgiram com nomes "pomposos". É nesse contexto, pois, que o narrador identifica o outro lado da modernização, que é a presença da exclusão social e do autoritarismo em uma cidade, que em um século, havia recebido grandes investimentos modernizadores, mas que geraram problemas sociais de proporções gigantescas e que ganharam as páginas policiais da capital, no início da década de 1940. O autor está se referindo aos incêndios que ocorreram nos bairros mais próximos da área central da cidade:

> *Em todos estes bairros, em casebres de palha, vive uma humanidade pobre e em todos eles existe uma quantidade espantosa de crianças e cachorros. Foram eles que, há alguns anos, levaram a cidade às manchetes dos jornais do País quando suas casas de palha, com cercas de buriti, eram queimadas criminosamente e misteriosamente [...]* (Ibid., p. 16).

"As praças" é a crônica que continua estampando o embaralhamento dos tempos que o autor vai praticando no *Roteiro*. Presente e passado conformam uma contradição constante na sua escrita literária. A elas se associa a simplicidade ou mesmo o pitoresco em desafio à complexidade proporcionada pela modernidade (REINALDO, 2007, p. 33). E, como não poderia ser diferente no *Roteiro* de entretenimento sugerido por Dobal, as principais praças da cidade são lembradas a partir do papel que exercem na vida da cidade:

> *A grande parte da vida da cidade passa nas praças, que desempenham aqui um papel mais importante do que talvez em qualquer outro lugar. Por causa do calor ou por uma inclinação natural dos habitantes, as praças estão sempre cheias de gente, tornando-se um centro de reunião obrigatória para quem quer participar da vida da cidade, o lugar onde se faz a crônica dos acontecimentos cotidianos, ponto de encontros e discussões, comentários e mexericos* (DOBAL, 1992, p. 19).

Da narração dos usos e práticas das praças mais frequentadas da cidade, Dobal passa para outro tema, que é a descrição dos poucos prédios existentes na cidade e, com um tom de ironia, os monumentos, no tópico "Os Prédios e os Monumentos":

> *Uma cidade pobre e sem tradições quase não tem monumentos e prédios notáveis, coisa para encher a vista de turistas e de visitantes. Os poucos que existem têm valor relativo e puramente local. Como monumentos, sem contar uns quatro bustos de homens célebres, alguns são celebridades estaduais, e a estátua do Conselheiro Saraiva, há apenas, na Praça Deodoro, sobre um pedestal, uma coluna de mármore, com uma inscrição latina evocando a fundação da cidade e a memória do seu fundador [...]* (Ibid. p. 25).

Logo em seguida, continua num encadeamento de descrições dos prédios mais antigos e famosos da cidade: o hotel do Estado, o Teatro 4 de Setembro, o prédio da estação da estrada de ferro, o Palácio do Karnak, o cruzeiro de madeira que está localizado na avenida Frei Serafim, entre bustos de pessoas ilustres, são alguns dos apontados. O hotel que o Estado mandou concluir sua construção, por exemplo, que começou na década de 1930, voltado principalmente para os visitantes ilustres que viriam para a comemoração do centenário de Teresina. A sua conclusão, no entanto, só ocorreu depois das festividades. Mas Dobal identifica outra função que exerceu, enquanto não foi concluído: "no terraço, realizam bailes, a que os pares vão subindo as escadas, pois o prédio ainda não tem elevadores. O povo descobriu-lhe um nome: a buate do Prefeito" (Ibid. p. 25). O Theatro 4 de Setembro foi representado por Dobal como de difícil definição ou de sorte acidentada pelas inúmeras funções que exercia, pelo fato de ser o único da cidade: "[...] Habitualmente funciona um cinema. [...]

Durante certo tempo se realizavam neste teatro solenidades cívicas a que eram obrigadas a comparecer os ginasianos da cidade [...]" ((Ibid. p. 25\26).

Dobal continua suas andanças dedicando algumas páginas do *Roteiro* à vida religiosa da cidade. Segundo esse modo particular de deslocamento religioso, o *Roteiro* realiza uma visita à Igreja N. S. do Amparo, a São Benedito, depois volta enumerando as novenas que, para o autor, "constituem, além de um ato religioso, um divertimento. São acompanhadas de quermesses, leilões, onde se arrematam prendas, caixinhas de segredo, e onde se travam verdadeiras batalhas entre os arremates" ((Ibid. p. 29). A importância da missa na vida da cidade é narrada da seguinte maneira: "[...] sem a missa, o domingo não estaria completo". Ao descrever os horários das missas da Igreja São Benedito e da Igreja do Amparo e a importância de sua prática na sociedade teresinense, o roteiro continua, só que mesclado de um sincretismo religioso: as igrejas protestantes são lembradas também pela tensão que vivem com os cristãos; o centro Espírita é lembrado principalmente pelas ações sociais que desenvolve as populações mais carentes e, finalmente, os terreiros de macumba com sua clandestinidade e por, segundo o autor, "satisfazem outros velhos anseios humanos" ((Ibid. p. 30).

A vida intelectual da cidade também está registrada no *Roteiro*. No tópico "As Escolas", Dobal faz referência à educação da capital a partir do que tem de melhor para oferecer:

> *No setor da educação, como diz a linguagem sisuda dos relatórios, a cidade está bem servida. Tem jardins de infância, grupos escolares em diversos pontos, funcionando em dois turnos, escolas supletivas, escolas noturnas, e se há analfabetos é ingratidão deles. Para o ensino secundário há dois colégios oficiais, mantidos pelo Estado, um para homens e, outro para mulheres* (Ibid. p. 33).

Ao tratar dos hospitais da cidade no item "Os Hospitais", o autor menciona entusiasmado com o Hospital Getúlio Vargas, o Sanatório Meduna e uma maternidade que não identifica, mas provavelmente seja a Dona Evangelina Rosa. O Hospital Getúlio Vargas é apresentado como um dos mais modernos e "um dos orgulhos da cidade" (Ibid. p. 37). Nesse aspecto, Dobal apresenta a Teresina que é referência de saúde no contexto nacional. Isso se deu a partir da inauguração do Hospital Getúlio Vargas na década de 1930.

Atingindo os odores e sabores, Dobal proporciona, no seu percurso, a sensação de atualizar a memória nos tempos do auge do Mercado Velho. Nesse espaço, o autor insere um mapa comercial pitoresco e de manifestações culturais:

> *[...] Com aspecto de bazar oriental, o burburinho, a mistura de tipos e de cousas, é um mundo à parte e diferente que, aos domingos, redobra de movimento e agitação. Tem de tudo, desde lingüiça a bonequinhas de canarana, rapadura a pequenos objetos de cerâmica. É uma feira típica do Nordeste, com cegos cantadores que antes de agradecer a esmola perguntam ao guia, para uma resposta adequada, se quem deu era homem ou mulher [...]* (Ibid. p. 41).

Dentro desse intercurso entre odores, sabores e manifestações culturais num espaço comercial que preserva o que tem de mais pitoresco, o percurso do autor agora se desloca para a vida social e cultural da cidade. Na crônica "Os bares, os restaurantes, os cinemas e os clubes", Dobal imprime as diversas possibilidades de se viver a cidade, principalmente à noite. "Os bares se constituem negócio para os proprietários, um trabalho para os garçons e um refúgio para os boêmios", observa o historiador Bernardo Sá (SÁ FILHO, 2007, p. 40). Os bares apresentados por Dobal são voltados mais para os frequentadores da noite mesmo. Num ambiente acolhedor, pitoresco e de novidades, esses ambientes são lembrados a partir de várias opções: "Os bares se multiplicam pelas ruas e, em consequência, os bêbados.

Relativamente ao tema "Os Jornais", o autor faz uma referência à imprensa escrita da capital, principalmente quanto ao *Diário Oficial*, *A Gazeta*, *O Denunciante*. Este último é lembrado com humor pela sua curiosa forma de fazer jornalismo:

> *O Denunciante, como o próprio título sugere, era completamente diferente. O seu diretor era um desses tipos violentamente incansáveis e honestos. Costumava dizer que não daria trabalho aos amigos porque morava no Campo de Marte, próximo da cadeia, do hospício e do cemitério. O seu jornal trazia a cidade em sobressalto, porque denunciava a suas faltas e as suas fraquezas mais íntimas. Não tinha preço fixo e os assinantes e compradores não o procuravam voluntariamente. Recebiam o exemplar e deviam uma retribuição mensal. Quando não retribuíam, e raros se atreviam a tanto, tinha o seu nome publicado como caloteiros, acompanhado de adjetivos adequados. Quando retribuíam abaixo de certo limite não ficavam a salvo dos ataques do jornal [...]* (DOBAL, 1992, p. 49).

Com um tom de humor, o autor identifica dentro da cidade que está se tornando estranha, os "Tipos Populares". É uma população que ainda se dissemina nas áreas centrais. E aqui são recordados como uma parte da paisagem das ruas de Teresina. Para

Dobal, essa presença tem um efeito curioso e pitoresco que deixa a cidade mais atraente. "Manelão", "Peru", "Maria Sapatão", "Jaime Doido", "Braguinha" é a galeria de personagens apresentada por Dobal no *Roteiro*. O Manelão, por exemplo, é recordado como uma pessoa que conta muitos acontecimentos imaginários e divertidos: "A quem andar distraído pelas ruas de Teresina pode acontecer que apareça pela frente um rapaz baixo, gordo, que lhe aponte um revólver de brinquedo e dispare gritando: "Morreu, bandido covarde!" (Ibid. p. 53).

Dobal também imprime, na crônica "Os Cabarés", atenção aos cabarés da cidade e aos modos como os indivíduos se relacionam com esses espaços, que geralmente são associados à liberação do imaginário e da fantasia. Através de sua narração, acompanhamos seu percurso à vida noturna na cidade de Teresina, com detalhes específicos sobre seu funcionamento e sobre algumas proprietárias que se tornaram quase lendárias, como Rosa Banco, "que dava uns bailes verdes em que todos os participantes se vestiam desta cor" (Ibid. p. 57). Para Dobal, esses lugares merecem uma atenção pela sua importância na vida social da cidade.

O último percurso do *Roteiro* aporta nos rios que "rasgam" a cidade – Parnaíba e Poti. Essa foi a maneira que o autor fechou o livro, ou seja, enfatizando características pitorescas e as sociabilidades dos dois rios. Desse modo, os rios que aparecem descritos no *Roteiro* não são artefatos de uma paisagem romântica, e nem meros canais comerciais que "beneficiavam com a navegação fluvial uma grande quantidade de cidades e de núcleos populacionais" (ABREU, 1995, p. 99), no século XIX e início do século XX. Na narração, Dobal oculta as "imagens poéticas, preguiçosas e comportadas" do rio Parnaíba e as aventuras dos meninos que tomavam banhos escondidos dos pais no rio Poti, para aprender a nadar e de quebra se embrenhar pelos matos à procura de outras aventuras menos inocentes, como roubar manga e caju das quintas vizinhas (DOBAL, 1992, p. 61). A propósito desse tema, Dobal o retomou em outros livros, como *O dia sem presságios*, *O tempo consequente*. Na segunda obra, o autor mostra o rio Parnaíba como um "fio da memória, um rio esgotado no recreio de muitas manhãs" (DOBAL, 2007, p. 27). Aqui, Dobal destacou de forma pessimista só o rio Parnaíba, que não é mais visto como um rio poético dos tempos idos, mas, como um rio que não sobrevive aos maus-tratos devido ao efeito perturbador das alterações que sofreu com o passar dos anos.

Seguindo um pouco os conselhos de Marshall Berman (BERMAN, 2007), buscando ler Baudelaire destacando a necessidade de que a lembrança não se torne esquecimento ou não deixar que a violência da rotina neste cenário de nossas metrópoles transforme nossa errância em traumas e leve para o subconsciente nossas mais inéditas experiências, fizeram nos regredir no tempo e tentar buscar respostas no momento em que era parida o que conhecemos por vida moderna. Lá onde surge a cidade centenária, encontramos um homem crispado diante do seu tempo, mas arrancando dele respostas e, a partir dele, construindo suas respostas com os pedaços de seu tempo.

Dessa forma, a Teresina do *Roteiro* era, para Dobal, a cidade que ainda habitava os homens e era habitada por eles. A cidade ainda tinha rastros e história, que ele mostra e não quer perder. A contraposição desse posicionamento se dá na medida em que mostra uma Teresina que é provinciana, pitoresca, mas que tem o seu progresso. Mas esse progresso que se mostra na cidade centenária não tira o desejo de Dobal fazer suas andanças sentimentais a Teresina com seus recursos de retorno ao passado. Pra que serve o *Roteiro*? A sua atitude de escrever um roteiro de uma cidade centenária que ora era provinciana com seus costumes e cultura; pitoresca, com o que tem de mais simples, acolhedora, e ora moderna, sugere a quem servirá o *Roteiro*. A obra não restringe na retina um desfilar de prédios, monumentos, vida social e intelectual, tipos populares. O que Dobal propõe é um retorno ao passado associado ao viver no presente para uma reflexão ou mesmo vivência pessoal ou de autoconhecimento.

Referências

ABREU, Irlane Gonçalves de; NUNES, Maria Célis Portella. Vilas e cidades do Piauí. In: *Piauí:* formação – desenvolvimento – perspectivas. SANTANA, R. N. Monteiro de. (Org.). Teresina: Halley, 1995, p. 99.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990;

REZENDE, Antônio Paulo. As múltiplas cidades de Calvino e Freyre. In: *Guia Prático, Histórico e Sentimental da cidade do Recife*. São Paulo: Global, 2007;

NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima (Orgs.). *Cidade e memória*. Teresina: EDUFPI/Imperatriz, MA: Ética, 2009;

CERTEAU, Michel de. *Relatos de espaços*. In: *Invenção do cotidiano* – artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994;

MENDES, Maria Cecília. 145 anos. Teresina, cidade futuro. Teresina: FCMC, 1997;

DOIS NOVOS *presentes para Teresina. O Dia*. Teresina, Ano XXII, n. 5901, 18 de agosto de 1992;

SANTOS, Cineas. *O valor do roteiro*. In: *Cadernos de Teresina*. Teresina, Ano 4, n. 10, agosto de 1990;

SILVA, Halan. *As formas incompletas:* apontamentos para uma biografia. Teresina: Corisco, 2005;

DOBAL, H. "Um Homem Particular". In: *H. Dobal:* obra completa II. Prosa. Teresina: Plug, 2007;

DOBAL. H. *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1992;

REINALDO, Lilásia Chaves Area Leão. A lírica moderna e a poesia de H. Dobal. In: *Cantigas de viver*: ensaios sobre H. Dobal. Teresina: Fundação Quixote, 2007;

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. A cidade do anoitecer ao romper da aurora. In: *Cidades brasileiras* – atores, processos e gestão pública. LIMA, Antônia Jesuíta de. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2007;

DOBAL, H. O tempo consequente. In: *H. Dobal* - poesia reunida. Teresina: Teresina: Plug, 2007;

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.